Nuno Costa Santos

COMO UM MARINHEIRO EU PARTIREI

UMA VIAGEM COM JACQUES BREL

ELSINORE

A RAIVA (1954)

Como um marinheiro partirei para me ir divertir com as raparigas,
E se tu nunca choraste, minha alma ficará parva.
Como um marujo partirei para ir rezar ao bom Deus,
E se tu nunca sofreste, eu não vou poder rezar mais.

Tu não cometeste outro pecado que não fosse destilar cada dia
O tédio e a vulgaridade, enquanto outros destilam o amor.
E mil dias por uma noite, eis o que tu me deste.
Pintaste o nosso amor de negro, terminaste a nossa eternidade.

Como um bêbado partirei para ir berrar a minha cantiga,
E se tu nunca a entendeste, vou agradecer ao Diabo.
Como um soldado partirei e morrerei como morrem as crianças,
E se tu nunca morreste, eu vou querer regressar vivo.

E tu, tu rezas, e tu, tu choras, todos os dias, todos os anos,
É como se com flores nós juntássemos dois continentes.
O amor está morto, viva a raiva, e tu, coisa sem nome,
Vai pendurar o teu sofrimento no museu dos amores falhados.

Como um bêbado partirei para ir berrar a minha cantiga
E se tu nunca a entendeste, vou agradecer ao Diabo.

Jacques Brel

TRANQUILO DE IR INTRANQUILO

Sento-me à mesa do escritório e olho para a capa do último álbum de Jacques Brel, na estante, encostado aos livros.

O apelido entre nuvens, num fundo azul que parece ser mais do mar que do céu.

Viro a cabeça para um lado e para o outro.

Do lado esquerdo, no cimo de um monte de livros, *Voyage au bout du rêve*, com uma capa em que, de chapéu na cabeça, casaco de cabedal, olha na direcção do ecrã, como se estivesse a espreitar, curioso, o que escrevo.

Do direito, a *Antologia Poética* do cantor/autor, publicada pela Assírio & Alvim na colecção Rei Lagarto, que inclui a lírica de, entre outros, Jim Morrison, Patti Smith e Tom Waits. Companhias adequadas.

Na capa deste segundo livro, olha em frente, com olheiras, rugas na testa, ar de desafio.

Um Brel espreita o texto.

O outro confronta-me.

— Não me ouviste dizer para ninguém falar de mim depois da minha morte? Porque é que voltas a falar comigo?

— Porque, como tu, parti como um marinheiro.

— Mas há tantos outros que partiram.

Tu és todos aqueles que partiram.

Brel ouve como quem morde devagar as palavras.

Olha-me com a expressão de quem vai pernoitar sobre o assunto.

Quero com ele seguir de iate até aos Açores, numa altura em que procurava outras ilhas, as Marquesas.

Vou escondido no barco, mas vou.

No gesto de *carregar a tristeza das partidas*.

No movimento de *sonhar um sonho impossível*.

No balanço de *arder numa qualquer febre*.

Na demanda de *perseguir a estrela inacessível*.

Arriscar com ele vagas.

Acompanhar as suas lembranças.

Delirar sobre o que aconteceu.

Anotando factos.

Mentindo e ludibriando, como nos sonhos.

Sentir os seus remorsos.

Inventar sobre o que foi.

Falsear os seus naufrágios.

Acompanhar as suas redenções.

Não sei se serei esse herói, mas o meu coração ficará tranquilo.

Tranquilo de ir intranquilo.

É PRECISO IR VER

Um homem fuma um cigarro à proa de um iate, concentrado no som do mar.

O cigarro é um *Gallia*, sem nicotina, não um *Gitanes* ou um *Celtique*, aqueles que lhe iam escurecendo os pulmões.

Chega-lhe à memória, como uma onda a embater no casco, o primeiro verso da primeira canção do seu primeiro álbum, de 1954: *Comme un marin je partirai.*

Pensa que, sem procurar o movimento, a corrente da sua biografia foi dar a esse verso.

Como um marinheiro eu partirei porque o nosso amor morreu, debaixo dos escombros do quotidiano.

L'Amour est mort.

Como um marinheiro eu partirei porque a nossa eternidade acabou.

Logo nessa canção, lembra-se, ameaçou partir se a história de amor definhasse e, achando que a história de amor estava a definhar, partiu.

A história de amor com o público.

Alguém escreveu: Jacques Brel era o bobo da corte de uma geração. Alguém que subia ao palco para dizer as vulnerabilidades amorosas e emocionais que pouca gente tem coragem de pronunciar. As das mulheres e as dos homens.

Com ele todos são vulneráveis.

Deixa-me ser a sombra da tua sombra, a sombra da tua mão, a sombra do teu cão.

Não aceitava sentimentos pela metade. Um homem na altura cantar *Ne me quittes pas*, de uma forma tão suplicante, era *a subversão*. Edith Piaff achou um excesso: «Um homem não se pode apresentar em público dessa maneira.» Riu-se da sentença. Era decisivo cantar o amor em todas as suas falésias.

Vem com o ofício: os poetas lembram-se mais vezes da morte do que a generalidade das pessoas, preocupadas com o prazo de validade dos iogurtes e não com a sua humana finitude.

Em 1960, o trovador Brel escreveu *La mort*.

Começa assim a catarata de imagens:

A morte espera-me como uma antiga namorada
Num encontro marcado com a foice
Para melhor ceifar o tempo que passa.

Mais à frente, a pergunta:

Mas quem está por detrás da porta já à minha espera?

A resposta tem duas caras:

Anjo ou demónio, que importa, diante da minha porta estás tu!

Não que achasse que as canções podem salvar o mundo.

«A canção não é uma arte maior nem menor. Não é uma arte. E não nos podemos esquecer de que a canção se destina a ser passada na rádio, ou seja, em circunstâncias tais que toda a gente a escuta, mas ninguém a ouve.»

Ao mesmo tempo, cantava versos que os poetas gostariam de conseguir capturar:

Oferecer-te-ei
Pérolas de chuva

Vindas de países
Onde não chove.

Um acontecimento precipitou a escolha de sair.

Início do Verão de 1966. Subiu ao palco na cidade de Laon. O espectáculo decorria como era habitual, com canções a sucederem-se, sempre celebradas como ofertas de um deus eufórico e melancólico. Mas, ao interpretar *Les vieux*, notou que havia repetido uma passagem da letra.

Como um homem envelhecido, enganou-se.

Funcionário sem humores e hesitações, levou o espectáculo até ao fim. Ficou com o equívoco a cacarejar dentro da cabeça. Não falou sobre o assunto a ninguém. No camarim, olhou-se ao espelho e deixou de ver aquele que apanhara em Bruxelas, no ano de 1953, um comboio em terceira classe para ir ter uma reunião com Jacques Canetti, produtor e director de um teatro. O homem que, aos 24 anos, entrou num concurso com 28 concorrentes, ficou em penúltimo lugar e, ainda assim, não desistiu de ser o que projectava para si. Viu-se como alguém fatigado. Como um amante que se esquece dos versos que imaginou dizer à amada.

Com as ruas de Laon vazias, saiu do hotel e deu uma volta a pé pela cidade. Entrou num bar e foi reconhecido por um grupo de estudantes universitários. Ouviu os seus elogios e desabafos e cantarolou *Vesoul* a pedido deles. Ainda bebeu duas para o caminho e escapuliu-se com a desculpa de que tinha marcado viagem para a uma e meia da manhã.

Caminhou e resolveu sentar-se na escadaria da catedral Notre-Dame de Laon.

«Estou a defraudar o público.»

Uns anos antes, teria considerado ser uma rima de Deus: o pensamento caiu ao mesmo tempo que badalava o sino da velha catedral medieval. Já não era o artista que se jogava em cada actuação. Era um burocrata incompetente que insistia em subir aos palcos. O artista que, num bar de *karaoke*, se enganava nas letras das suas próprias canções. Sorriu com a imagem e levantou-se.

O decreto, arrumou-o no bolso do *blazer*.

Aos 38 anos, o Grand Jacques, que já não se via assim tão grande, chegou à repartição e disse:

— Pessoal, amanhã não venho.

Os seus comparsas de ofício tomaram a conversa como mais uma provocação de Jacky.

Os jornalistas fizeram-lhe todas as perguntas.

— Vai parar?

— Sim, vou parar de cantar. Há 15 anos que canto. No princípio ninguém queria que eu começasse, agora ninguém quer que eu pare. As pessoas não querem que eu pare, mas a verdade é que eu tenho vontade de respirar um pouco.

— Isso não será misantropia?

— De todo. Quero ter tempo para ver, para amar, para essas coisas. Chama-se a isso liberdade.

— Não é uma forma de aburguesamento?

— Aburguesamento? Eu não estou à venda, compreende? E quero viver a minha vida da forma como a quero viver.

O remate como declaração de guerra à burocracia.

— O quotidiano destrói tudo. É preciso ir ver.

«É preciso ir ver», repete baixinho, para si próprio, esse homem, de cigarro, t-shirt branca avelhentada e penteado sujo e selvagem,

diferente, muito diferente do outro que se apresentava de gravata nos palcos.

A sentença é interrompida por uma tosse longa e incómoda. Uma daquelas tosses que parecem não terminar. Um catarro infinito. Olha para a cabina, a ver se alguém havia ouvido o barulho. Nenhum sinal. Atira o cigarro para o mar.

No movimento, vem-lhe à ideia um *flash* do seu primeiro espectáculo, *Le jeu de L'Homme*, no qual um trovador, cheio de ideias floridas, combatia o Diabo, determinado a convencê-lo de que ele se iria cansar de as cantar.

Enquanto vê o cigarro a ser fumado pela espuma, pergunta a si mesmo, ele que, por detrás da assertividade, traz, bem nutrido, um generoso ninho de dúvidas: a decisão que tomara, mais do que um gesto de libertação, não seria a vitória do Diabo sobre o seu destino trovadoresco?

Em *Le troubadour*, canção dos inícios de percurso, ano 1953, gravada na Radio Hasselt, de Bruxelas, escreveu:

Eu sou um velho trovador
Que contou muitas histórias
Histórias divertidas, histórias de amor
Mas sem acreditar nelas.

Traria esta letra alguma predestinação nos seus termos?

Eu cantei como um grande livro
Em que cada página é uma gargalhada.
Eu cantei a alegria de viver
Esperando a outra de morrer.

Cedo, muito cedo, do miradouro trágico da vida, espreitou a paisagem da morte.

Quis muitas vezes levantar o mundo,
Só por ele, só por bondade.
Quis muitas vezes levantar o mundo,
Mas foi ele que me deitou.

Haveria no seu gesto, como sugeriam os jornalistas e alguns admiradores, o suspiro vencido da desistência?

À tarde, olhara para o calendário, por cima do lavatório. Anunciava: 28 de Agosto de 1974. Há mais de um mês que estava no mar. Desde 24 de Julho, dia em que do porto de Antuérpia desembarcara, em dia de tempestade, o *Askoy II*, veleiro de aço com 18 metros e nome de ilha norueguesa. Atravessara o canal da Mancha e fizera escala nas inglesas ilhas Scilly.

O marinheiro que comandava o *Askoy*, conhecido por comover públicos, queria ter agora disponibilidade para dar a volta ao mundo em três anos, longe do ruído dos *media* e dos *paparazzi*.

Navegar, paixão antiga, sempre adiada.

Não ia sozinho. Convidara para seguirem consigo na viagem a sua namorada, Maddly Bamy, natural de Guadalupe, que conhecera nas gravações do filme *L'aventure, c'est l'aventure*, e France, de vinte e poucos anos, entre as filhas, a mais disponível para viajar.

«As mulheres não podem trazer equilíbrio ao homem muito simplesmente porque elas tiram sempre muito mais do que dão.»

Com o visto de misógino, escolheu duas mulheres para viajar consigo numa demanda afastada do ambiente provocador das entrevistas que costumava dar. O convite a France para viajar no *Askoy* era o modo possível de se aproximar da família. Ele que tinha sempre sido um «pai figura pública». Por causa da *tournée* permanente em que se transformara a sua vida, não acompanhou o crescimento de nenhuma das suas filhas.

Arranjou uma teoria: a de que o pai burocrático e quotidiano não acrescenta nada à educação dos filhos.

«Um homem, quando lhe tiram a função de homem, é a coisa mais ridícula deste mundo.

Na minha opinião, a paternidade não existe. É só teoria. A maternidade, essa sim, existe, e a ternura da mãe é indispensável.

Há um conjunto de coisas das quais é necessário falar. E não falo delas para ter um ar inteligente, é algo a que me recuso.

Prefiro ser honesto.»

Preferia que as filhas o vissem em digressão, quando era um homem total, interessante, sedutor, cativante.

Quando era as canções dele.

Egoísta, autocentrado, artista que preferia ser amado nos palcos a ser avaliado no dia-a-dia, nas suas responsabilidades e obrigações de homem e cidadão comum.

Um *eterno adolescente*, como diz o título de um livro, que assinava as cartas como *o velho.*

Um eterno adolescente que se sentia muitas vezes velho.

Um velho que se sentia muitas vezes adolescente.

Capaz de grandes egoísmos e maiores humanismos.

Tomado por um enjoo emocional, ao som do balanço bravo do mar, lembra-se dos termos ressentidos da sua filha mais velha durante uma festa organizada no barco. O mote da celebração era o aniversário de casamento de Jacques e Miche.

— Tu foste inexistente como pai! — sentenciou. — Só cantaste a ternura para os outros.

Após um esforço de silêncio, Brel irritou-se a ponto de dizer à família para sair. Estava convicto de que Miche iria ficar ao seu lado. Num movimento inédito, a mulher comunicou a Brel que também se ia embora.

O homem do «é preciso ir ver» lembra com tristeza o que deixou em terra: a mágoa da sua filha mais velha e o choro desistente de Miche. Faz um inventário da desilusão. Titulares: Miche, filhas, mulheres com quem mantivera relações amorosas. Público.

Ia compensando a ausência com cartas. Numa delas, a Miche, assina já, cumprindo a sua vocação de navegador, como *o velho marinheiro*. Recorda a mulher com quem se casou aos 21 anos quando faziam ambos parte de uma organização cristã. Tinha muitos motivos de gratidão. Aturou-o no início da sua vida, quando ninguém o reconhecia e era desprezado nos cabarés. E isso ele nunca iria esquecer. Foi Miche que o incentivou a trocar o emprego na fábrica de cartão do pai, onde não era feliz, pela aventura no universo das canções.

Uns dias antes, estando ele ainda nas ilhas Scilly, escrevera-lhe.

«Bom dia, Minha Miche,

Recebi a tua carta.

Estou feliz por pareceres estar em grande forma.

De resto, nós temos, finalmente, bom tempo e, salvo algum imprevisto, iremos amanhã para os Açores.»

Conta-se que um tradutor letão de poesia açoriana definiu os açorianos como marinheiros que navegam em mares interiores. Brel também era um marinheiro que navegava em mares interiores, bem revoltos e não controláveis, sujeitos aos humores de uma meteorologia imprevisível.

Cai a memória de uma redenção falhada.

Antes da partida, andou a querer agradar a toda a gente.

Ofereceu o barco à mulher, à namorada, à filha. A filha julgava que iria de viagem só com o pai. Mas depois viu Maddly a embarcar também.

O pai queria tanto redimir-se que não topou a incomodidade.

POSSO CONTAR

Ando a pé, neste bairro junto ao mar, e olho a baía de Angra do Heroísmo, lugar de cruzamentos marítimos e diversos naufrágios.

Escolho, numa plataforma online, ouvir uma *playlist* com músicas de Jacques Brel.

Agora ouço-o assim, pelo *smartphone*, mas comecei a ouvi-lo em bobinas e cartuchos do meu pai, e, muito mais tarde, em CD.

Ficou. Foi ficando.

Pela música, vulcânica, na sua construção engenhosa feita de voz, *performance*, letra e arranjos.

Pelos temas. O amor, a relação com os lugares, a amizade, sentimento maior e nem sempre fácil de encontrar nas artes com a verdade que merece.

Para a celebrar, assumiu a devastação de ver um amigo chorar. Ouvi, muitas vezes, *Voir un ami pleurer* e comovi-me só com a ideia de ver um dos meus amigos chorar.

Também me aproximo de Brel pela língua francesa. Estudei, quando era pequeno, num liceu francês em Lisboa. *La valse a mille temps* passou na minha festa de casamento. Dançámos a música, eu e a noiva, mãe dos meus filhos mais velhos, em momento decisivo do alinhamento do DJ. Ainda estava na casa

dos 20 e não estava preparado para o rodopio crescente desta canção escrita numa viagem entre Tânger e Casablanca. Como não estava preparado para um casamento.

Brel arriscou a mudança e todas as dores que a mudança traz a quem traz consigo uma alma exposta. Viveu *perigosamente*, como me aconselhou a viver o poeta Manuel Cintra numa dedicatória que me fez, num livro de poemas seu, quando eu tinha 18 anos e havia acabado de chegar a Lisboa.

Não sabia que, mais tarde, depois de alguns anos, depois das primeiras investigações sobre a vida do tal homem que não aceitava sentimentos pela metade, também eu iria atravessar o mar para correr um risco: o do regresso.

Um açoriano a viver em Lisboa é um emigrante. Fui tomado por aquele definhamento sem motivo aparente, nomeado pelo escritor grego Theodor Kallifatides, sentido pelos emigrantes que vivem muito tempo longe da sua terra.

Adormecido, já vinha a regressar. Nos últimos anos, pensei em escrever um romance sobre Lisboa, mas não consegui. Tentei, mas não avançava mais do que umas linhas. Percebi que era um sinal de que a minha relação de permanência com a cidade se havia extinguido. Tanto que a insularizei, ao longo dos anos, valorizando a unidade bairro (hoje, bairrifico a ilha). Tanto que criei o melancómico, uma personagem, que protagonizei, para encontrar um conforto na abstracção urbana. Uma figura que vive num ambiente protegido, entre a pastelaria, a retrosaria e a farmácia. Um sítio em que as pessoas têm um nome e uma presença concreta. Saí dos Açores aos 18 anos. Voltei aos 45. Parece um rigoroso dizer, mas é uma formulação esquemática. Não corresponde às camadas, outras, da verdade. Há muito

que começara o movimento de regresso à ínsula. Um regresso por livros, peças de teatro, filmes, encontros. Gestos artísticos sobre as minhas memórias do ambiente surfístico da ilha vivido na freguesia de Rabo de Peixe, uma adolescência feita de uma banda sonora vivida em cumplicidade com os amigos, um tempo instável, capaz de significar as ilhas para além do postal, com as suas contradições. Um programa de viagens por todas as ilhas açorianas, em busca dos estilhaços da identidade, com um amigo da faculdade. Acabou por ser o último — e decisivo — detonador do regresso. Porque foi durante o programa que conheci a Sara, com quem, hoje, partilho o fascínio ilhéu e a vontade de contribuir para o solo criativo e cultural das ilhas.

Olho para a baía, morna como as nuvens que nos protegem.

Mais ou menos a meio, está um iate que me faz lembrar *o Askoy II*, o barco no qual seguiram Brel e o seu desejo de evasão.

Muito mais recente, mas de igual modo comprido e imponente. O convés branco, como o do outro.

De onde virá?

Quem o terá trazido até a esta ilha atlântica?

Um aventureiro a querer cortar com o ruído do mundo?

Caminho um pouco junto ao murete e decido ligar aos meus filhos mais velhos. Vivem em Lisboa.

Falo com eles, pergunto como estão, como está a correr o ano lectivo, se têm lido, ouvido música e visto filmes, o que programam, quando virão.

O gesto traz-me, depois, quando desligo, uma memória.

Quando comecei a ler livros, artigos, pistas sobre Jacques Brel, na altura em que preparava o texto de uma peça, lembro-me

de ter sido raptado por um fantasma — uma espécie de efeito, assustador, de espelho.

Num trabalho biográfico, mesmo com as diferenças constitucionais entre o biógrafo e o biografado, o ímpeto da comparação é inevitável. Mesmo com a distância de condições e projecções, não se consegue evitá-lo. Ver com lupa a biografia de alguém faz ressaltar aquilo que mais define os homens. Acontece com os biógrafos, mas, em rigor, acontece com toda a gente. Toda a gente faz isso na relação com os outros. Figuras públicas e anónimas. Amigos, conhecidos, pessoas que passam na rua, perfis que visitamos na Internet. É uma forma de nos organizarmos, de nos percebermos, de nos confrontarmos, esse exercício, demasiado livre, da comparação. Não há nada mais humano do que uma comparação abusiva.

Aconteceu, de forma mais directa, sempre que arrisquei trabalhos biográficos — não só com Brel, mas também, por exemplo, com os escritores Fernando Assis Pacheco e Ruy Belo. Com todas as distâncias, com todas as diferenças, há sempre zonas passíveis de comparação. Ambos foram pais, Assis Pacheco, de cinco filhas e um filho. Belo, de dois filhos e uma filha. O primeiro com uma vida, digamos, doméstico-afectiva cruzada de nocturnas convivialidades com amigos e companheiros de jornalismo. O segundo, humaníssimo, numa progressiva desorganização, após aquilo que considerou ser uma *aventura mística*, centrado numa existência algures entre a escrita e as musas. «A minha mãe é que nos educou», diz, a dada altura, o filho mais velho, Diogo, no documentário *Ruy Belo, Era uma Vez*, aludindo à figura organizadora maior de Teresa Belo, sempre tolerante para com as destemperanças do marido.

«UM HOMEM FUMA UM CIGARRO À PROA DE UM IATE, CONCENTRADO NO SOM DO MAR.»

Este homem é Jacques Brel, compositor e intérprete de canções de um lirismo e elaboração extraordinários, explosivas, contagiantes, que arrebatam audiências. De espírito rebelde e inconformado, no auge da sua popularidade, Brel toma a decisão intempestiva de abandonar para sempre os palcos. Tenta o cinema, como ator e realizador. Mas, por fim, cansado do mundo, afasta-se de tudo e de todos, partindo no seu iate para uma viagem sem regresso, rumo às ilhas Marquesas, como gerações antes o fizera Gauguin. A escala que o seu iate faz na Horta, nos Açores, fica registada de forma quase anónima num jornal local. É o suficiente para lançar o autor deste livro na busca por pistas sobre a passagem do famoso cantor pelo nosso território: descobre a história de uma nova amizade, traça a biografia possível de um homem atormentado, que se interroga sobre si mesmo, a sua música, a sua fulgurante carreira, o seu papel de figura pública, marido, companheiro e pai.

Romance, biografia, reportagem, reflexão sobre os nossos medos mais secretos, em *Como um Marinheiro Eu Partirei*, Nuno Costa Santos compõe com a força da Literatura uma indagação sobre a identidade pessoal.

Penguin Random House Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
elsinore.pt
penguinlivros

ISBN 9789896239848